

EDUCAÇÃO INTEGRAL: POSSIBILIDADES PARA A QUALIDADE DE VIDA?

José Carlos da Silva

Introdução: compreendendo o contexto

Este artigo decorre de uma pesquisa realizada no campo da educação integral, articulada ao tema da qualidade de vida. Considero o material empírico a partir do enfoque das necessidades humanas fundamentais e dos direitos humanos, analisando de que modo a educação integral pode incidir sobre a qualidade de vida dos sujeitos da pesquisa. A partir desses conceitos, pretendo fundamentar a análise, para responder à questão central: a educação integral incide sobre a qualidade de vida das crianças que participam do Projeto Mais Educação? De que modo e/ou em que dimensões?

Os sujeitos pesquisados são estudantes e familiares de uma escola municipal da cidade de Portão/RS, localizada em um bairro de classe média baixa. Algumas dessas famílias, sob meu ponto de vista, são consideradas em situação de vulnerabilidade social¹, de acordo com a análise das fichas de matrículas. Foram escolhidas para a pesquisa cinco famílias, algumas estruturadas com pai e mãe, e outras não. As crianças têm entre oito e 14 anos. O critério de escolha dos informantes deu-se pelo tempo de participação no projeto. Aceitaram participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas e transcritas. Os informantes são nominados por codinomes.

Na metodologia de pesquisa, utilizei ferramentas de inspiração etnográfica, tais como: observação do espaço escolar, diário de campo e entrevista semiestruturada, sendo que esta última compõe o *corpus* central da pesquisa. A escolha dessa metodologia visa a ouvir as famílias para perceber quais são suas percepções acerca do mundo escolar, buscando identificar como percebem a participação e o envolvimento de seus filhos e suas filhas no projeto de educação integral. Na entrevista, abordei os objetivos do projeto, que conhecimentos os informantes têm em relação a ele e como os estudantes reagem frente a essa proposta na escola pesquisada. Essas questões vêm contribuir para compreender o

¹ Vulnerabilidade social: expressão que caracteriza condições de baixa renda, situação precária de habitação e segurança.

entendimento que as famílias pesquisadas têm em relação ao conceito de qualidade de vida e se o Projeto Mais Educação está incidindo na qualidade de vida dos estudantes e da própria família.

O objetivo basilar é analisar como, na perspectiva das famílias, a educação integral pode ou não incidir sobre a qualidade de vida dos sujeitos que participam do Projeto Mais Educação.

O artigo faz referência num primeiro momento ao objetivo e à questão central da pesquisa; posteriormente aborda o cenário do campo e a metodologia utilizada. Por fim, em articulação com os conceitos básicos de qualidade de vida e necessidades humanas fundamentais (MAX-NEEF, 1986), o material empírico produzido é analisado. A última seção é voltada às considerações finais.

Análise reflexiva: pressupostos de reflexão e análise sobre o processo de educação integral e qualidade de vida

Para qualificar as análises, tomo como referência a discussão em torno dos conceitos de educação integral, qualidade de vida e necessidades humanas fundamentais, à luz dos direitos humanos. Embora Bauman e Max-Neef estejam refletindo de lugares diferentes, os autores sinalizam pontos comum, no meu entendimento, no que se refere ao tema da qualidade de vida, respaldando as reflexões construídas, neste artigo.

Pensar a pessoa requer olhar substancialmente para as suas múltiplas dimensões, como refere Gonçalves (2006), não apenas na sua dimensão cognitiva, como também na compreensão de um sujeito corpóreo, um sujeito de afeto, que está inserido num contexto de relações e que deve ser considerado em sua dimensão psicossocial, social, cultural e política.

De acordo com os Cadernos Cenpec (2006), o conceito de educação integral coloca em destaque o papel central que a educação tem no desenvolvimento do ser humano como pessoa, cidadão e sujeito da sua história. Assim, sempre que fazemos algum questionamento sobre educação, políticas educacionais, métodos e pedagogias, devemos primeiro nos perguntar: o que entendemos por ser humano, que pessoa estamos pesquisando? A referência a essa pergunta agrega-se à ideia filosófica de pessoa integral, realçando a necessidade de desenvolvimento e integrando suas faculdades cognitivas, afetivas, corporais e espirituais. Resgata-se,

como tarefa prioritária da educação, a formação do sujeito, compreendido em sua totalidade. E, sabendo que também é um ser social e que se constitui a partir do meio, deixo claro que não se trata de dizer que o sujeito se constitui a si mesmo somente, mas ele interage com o meio e desenvolve-se nessa interação.

Lúcia, uma das mães entrevistadas, afirma:

O Luis [filho e aluno] é bem responsável, bota o relógio para despertar e ele gosta de ir no projeto, e do projeto para cá ele ficou mais criativo, despertou bastante.

Essa fala contribui para o entendimento de que o sujeito integral tem uma parte que é de sua natureza, a criatividade, e outra que ele vai aprendendo com o meio, a responsabilidade. Acredito que o meio social tem a maior parcela no desenvolvimento do estudante. No entanto essa fala também reitera um discurso possivelmente construído pelos meios midiáticos e políticos, reforçando a crença de que as políticas estão sempre a serviço do bem comum. Porém a perspectiva da educação integral é a de oportunizar o desenvolvimento para crianças, adolescentes e jovens em todas as suas dimensões humanas (cognitiva, afetiva, ética, social, lúdica, estética, física e biológica), compreendendo-as também como necessidades humanas. Enfatizo que não é só na escola ou na educação escolar que se adquire conhecimentos ou entendimento, mas em qualquer espaço de interação, seja individual ou coletivo, mas para fins da pesquisa vou priorizar o espaço escolar como referência.

Nessas múltiplas dimensões, visualizam-se capacidades e também limitações nos modos de viver e lidar com as questões sociais e cotidianas que os sujeitos colocam em funcionamento, podendo ser de ordem objetiva ou subjetiva. Destaco a fala da mãe Vitória em relação a como os filhos Bruna e Darlan lidam com essas questões de ordem subjetiva:

[...] apesar da separação [ex-marido da Vitória e pai da Bruna e do Darlan], faz sete anos, mas para os filhos ainda tem essa questão do pai, [no caso ter se separado e por um motivo muito dolorido para os filhos, sendo um mau exemplo], tive que frear a convivência [com o pai], motivo que afeta eles na escola. Eles têm que me ajudar a pensar e fazer e se preocupar. Que essas dificuldades façam deles pessoas de mais caráter, sigam o bom caminho. Para eles o projeto ajuda esquecer as dificuldades.

Questões dessa ordem podem estar incidindo nos processos de desenvolvimento humano dos sujeitos pesquisados. De alguma forma, podem ser um potencializador ou um limitante desse desenvolvimento e, conseqüentemente, da qualidade de vida. Porém, segundo Bauman (2011, p. 111), “a característica mais preeminente de ‘qualidade de vida’ é que ela sempre existe como uma imagem, e que essa imagem está em perpétua mutação”. Assim, a fala de Vitória expressa mais o seu sofrimento, e que nem sempre os filhos são prejudicados por essa situação, já que a vida está em permanente mutação. Neste caso, a mãe afirma que o projeto ajuda as crianças a esquecerem, de certa forma, suas preocupações ou tristezas, isto é, o projeto pode atuar como algo diferente, mostrando outras possibilidades de experimentar a vida e podendo incidir na qualidade de vida dessas crianças. Para Bauman (2011, p. 108), “o interesse pela qualidade de vida não teria, se não fosse pela sensação generalizada, muitas vezes vaga, mas sempre aguda e irritante, de que a vida como ela é, não é boa o suficiente”. Certamente não teríamos o que falar em qualidade de vida sem levar em consideração essa referência do autor, para quem a qualidade de vida é uma crítica à realidade e à vida cotidiana.

Conceber essas famílias como desejanter, com sonhos, significa salientar que, além da satisfação de suas necessidades humanas, têm demandas simbólicas, que se referem aos símbolos de ser rico, ter um trabalho bom, ter uma casa e uma família perfeita. Essas considerações são feitas por praticamente todos os entrevistados; são demandas coletivas. Ao perguntar para essas famílias o significado de riqueza, a maioria colocou que ser rico é ter saúde, um trabalho, uma família, amigos, filhos como algo principal – somente Vitória disse que riqueza é estar bem e em paz consigo mesmo. Ressalto aqui o significado do que essas famílias sinalizam por riqueza, excluindo desta o aspecto econômico.

Ao falar dos sonhos, Darlan, (filho) e Vitória (mãe) relatam:

Tenho sonho de ir para o quartel, como diz Vitória, no seu desejo de realização pessoal: espero fazer minha faculdade de psicologia.

Aqui aparece a busca de satisfação e realização por algo que faz sentido para eles, nas diversas formas de realização. Para ajudar a dar conta de todas essas dimensões, a escola hoje, como lugar de interação, na maioria das vezes não

consegue agregar em seu cotidiano situações em que apareçam essas dimensões, pela forma de se estruturar e por possuir um padrão conteudista, historicamente construído. Saliento que não é somente responsabilidade da escola dar conta dessas demandas, porém, se a escola não contribuir, quem o fará? O poder público coloca a responsabilidade na escola, elegendo políticas públicas e programas como o Mais Educação para proporcionar melhores condições de educação. Contudo o programa não pode garantir, pois não é para todos. Uns têm acesso e outros não, como bem ilustra Bauman: “a personalidade de uma pessoa não pode ser simplesmente retalhada em porções, algumas liberadas para entrar, outras devendo permanecer lá fora” (2010, p. 189). E isso é o que acontece com esse programa: ele não é para todos. Então como qualificar quem entra e quem fica de fora? Fica por conta da escola essa responsabilidade, baseada no conceito de vulnerabilidade social ou em critérios elegidos pela escola.

Ao perguntar para Maria, mãe de Felipe, o que pensava sobre o projeto, ela coloca que:

O convívio [dos alunos, no caso o seu filho Felipe com os demais] por mais tempo colabora e ajuda bem mais, eles aprendem mais,

Nessa fala, um tempo maior de aprendizagens multidisciplinares objetiva uma epistemologia que dê conta desse processo educativo, que se configura social, político e histórico, dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Então esse tempo maior configura uma incidência do projeto sobre a qualidade de vida do estudante, pois, de acordo com Bauman (2010), o tempo está cada vez mais curto, as condições financeiras e os meios de comunicação são fatores de encurtamento do tempo. Assim, ter mais condições financeiras e mais acesso aos meios de comunicação vai permitir mais recursos e informações às pessoas. Quando isso é possibilitado na escola, o acesso a esses bens incide sobre a qualidade de vida das crianças, como no caso de Felipe.

Um dos desafios colocados nessa análise do conceito de qualidade de vida foi trazer o debate não só nos organismos de saúde e economia, mas também nos organismos educacionais. Para Pelicioni (1998, p. 24), discutir qualidade de vida

[...] transcende o conceito de padrão ou nível de vida, de satisfação das necessidades humanas do TER para a valorização da existência humana

do SER e deve ser avaliado pela capacidade que tem determinada sociedade de proporcionar oportunidades de realização pessoal a seus indivíduos no sentido psíquico, social e espiritual ao mesmo tempo em que lhes garante um nível de vida minimamente aceitável.

A situação social em que vive determinado grupo permite reconhecer em que situação se encontra? Quais são suas necessidades humanas e de satisfação pessoal? Ao fazer esses questionamentos, deixo claro que não estou fazendo juízos de valor, mas reconhecendo que cada grupo, cada família tem um entendimento do que é qualidade de vida ou nem fazem esses questionamentos. Isso é percebido na hora de perguntar sobre qualidade de vida para os sujeitos da pesquisa; a maioria ficava em silêncio, ou respondia “não sei”, “nunca parei pra pensar sobre isso”. Somente depois de tecer uma conversa mais detalhada em torno do assunto vinham a entender o que estava sendo perguntado. Percebo que para essas famílias o importante é ter uma certa segurança, um trabalho e educação para os filhos e viver a vida. Para as mulheres, em alguns casos a separação foi apresentada como um fator prejudicial aos filhos, como Vitória, que também fala da sua frustração em não ter uma carreira profissional; essa parece ser uma questão de ordem bem mais individual do que relativa a qualquer conjuntura mais ampla. No entanto esse conceito de qualidade de vida aparece de forma implícita nas relações que essas pessoas estabelecem entre si, em um processo educativo que leve em conta esse fator, desenvolvendo certas percepções nas pessoas, o que podemos chamar de tomada de consciência, dando-se conta do lugar que ocupam. Assim, podem exigir do poder público as demandas necessárias para a satisfação de suas necessidades humanas, que são garantidas pelos direitos humanos, como foi dito pela aluna Bruna: *“aprendemos ritmos musicais, danças”*; e por Marcia: *“este projeto já deveria ter começado há muito tempo, eles aprendem mais, coisas diferentes, se divertem”*.

Aparece aqui uma percepção de consciência dos benefícios que o projeto vem trazendo, e isso de certa forma incide sobre a qualidade de vida, ampliando os conhecimentos das pessoas. Assim, visualizam em que situação se encontram, como está a qualidade de vida, levando em conta a síntese expressa por Minayo e Hartz (apud FREITAS, 2010, p. 46):

[...] pode-se dizer que a questão da qualidade de vida diz respeito ao padrão que a própria sociedade define e se mobiliza para conquistar, consciente ou inconscientemente, e ao conjunto das políticas públicas e sociais que induzem e norteiam o desenvolvimento humano.

Aqui, o texto nos leva a refletir sobre a condição em que se situam os sujeitos pesquisados, e que as instituições têm uma função importante nessa categorização, pois as pessoas vão ao longo de sua trajetória convivendo na família, na escola, na igreja, no trabalho e na sociedade como um todo, e assim vão imprimindo conceitos, desejos, sonhos dentro do seu horizonte de alcance, proporcionado pelos meios e por condições que lhes foram possíveis no seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, a educação integral pode ser um novo horizonte de possibilidades se começar a olhar para as condições em que está sendo gestada, ou seja, de que forma está sendo organizada, o que realmente se pretende com a educação integral, um meio ou um conjunto de condições que vão possibilitar ou não melhoria na qualidade de vida, pessoas mais autônomas. Ratifico essa reflexão com o que diz Beatriz, mãe de Bruno:

O projeto é bom, ele tinha dificuldade de se soltar, ele se perdia no mundinho, não copiava, isso melhorou nele, ele se integra mais.

Tal opinião se confirma com a fala do próprio Bruno:

Eu era muito quietinho, eu comecei a falar mais com as pessoas e agora eu estou começando a falar com todo mundo.

Também reconheço nestas falas que a educação integral é um “satisfator”, são condições dadas para satisfazer uma necessidade humana fundamental, pois, dependendo das condições em que se fundamenta, terá resultados diversos no entendimento e desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

Continuando essa reflexão, para Max-Neef (1986) a qualidade de vida dependerá das possibilidades que tiveram os sujeitos de satisfazerem adequadamente suas “necessidades humanas fundamentais”. Então é nesse ponto que a questão de pesquisa se articula com a educação integral e pode ou não incidir sobre a qualidade de vida, em que condições se dão as relações educativas. Quando falo em condições, refiro-me à proposta pedagógica da escola, o Projeto Político-Pedagógico, enfim, como se dão as relações educativas, que cuidados são tomados com as pessoas que convivem na escola, que possibilidades e desafios são oferecidos pela escola, enfocando como se dá o processo de educação na

instituição pesquisada. As falas a seguir, numa reunião de expressões de cinco alunos pesquisados, dão um indício de como ocorre esse processo:

Fazer novas brincadeiras, aprender capoeira, hip hop, sair pra outros lugares, eu era muito quietinho, comecei a falar mais com as pessoas, às vezes é chato, às vezes é legal, na aula de letramento é chato, a gente fica na aula em vez de sair, o ventilador não funciona, a gente vê coisas novas que ainda não viu.

Então, as referidas condições são o modo como se dão na escola as relações que constituem o processo de ensino-aprendizagem, que envolvem diversas situações da proposta pedagógica, em a educação integral está sendo alternativa dessas condições – lembrando que o programa ainda não é para todos.

Assim, surge outra pergunta de pesquisa. Quais são essas necessidades humanas para os sujeitos da pesquisa? As necessidades humanas, de acordo com as famílias pesquisadas, são:

Ter uma boa educação, realizar os sonhos, mais projetos na educação, melhorar a saúde, ter uma casa só para nós, respeito e sinceridade, ter conhecimento, minha filha, meu emprego, a escola, ter cabeça para não gastar além do que ganha, ter um lar, uma família, uma boa alimentação.

Essas necessidades coletadas na individualidade ressaltam algo que é construído socialmente pela cultura; mesmo sendo ditas por pessoas diferentes em todos os aspectos, muitas respostas foram parecidas, com o mesmo foco. Retomando a reflexão anterior, de quem decide e quais são essas necessidades, estas podem não ser entendidas como uma simples escolha dos sujeitos, mas necessidades adquiridas na sociedade. Estando essas necessidades ditas, amparado em Herculano (apud FREITAS, 2010, p. 48), reitero que qualidade de vida pode ser

[...] definida como a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para que estes possam realizar suas potencialidades: inclui a acessibilidade à produção e ao consumo, aos meios para produzir cultura, ciência e arte, bem como pressupõe a existência de mecanismos de comunicação, de informação, de participação e de influência nos destinos coletivos, através da gestão territorial.

Reconheço nessa citação um conceito de necessidades humanas, que vão sendo satisfeitas na medida em que as pessoas vão tendo acesso aos bens produzidos socialmente. No entanto essas questões devem ser levadas em conta na vida e na visão dos sujeitos pesquisados, mesmo que para eles tais aspectos possam passar despercebidos, como eles mesmos colocam, de acordo com a fala de Katia, mãe da Pri:

Eu vivo do trabalho para casa e da casa para o trabalho, não participo da comunidade, não saio muito, só em casa.

A fala denota uma família mais individualizada, que vive de acordo com aquilo que acredita ser mais importante para ela, o que tem mais sentido; isso talvez seja qualidade de vida para essa família. No entanto o projeto pode mostrar outras possibilidades de viver, ajudando a realizar suas potencialidades nas diversas dimensões humanas.

Assim, para Max-Neef (1986), qualidade de vida está relacionada à satisfação das necessidades humanas fundamentais. O autor enfatiza que se tem acreditado que as necessidades humanas fundamentais tendem a ser infinitas, ou que mudam e variam conforme a cultura e são diferentes em cada período histórico. No entanto alerta que essas suposições são frutos de um erro conceitual, advertindo que parece existir uma certa confusão entre o que são necessidades e o que são “satisfatores”. Essa confusão provém do entendimento do que são as necessidades humanas e o que são os “satisfatores”. Para Max-Neef, necessidades humanas são inerentes ao sujeito, não mudam, são as mesmas em qualquer cultura e tempo histórico, como subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, ócio, criação, identidade e liberdade. Já os “satisfatores” são as condições nas quais essas necessidades são satisfeitas ou não, e estes mudam de acordo com a cultura, o tempo, a visão política. Na visão do autor, o sujeito é um ser de necessidades múltiplas e interdependentes, vinculado com a compreensão do conceito de educação integral que entende o sujeito como um ser de múltiplas dimensões. Então a educação integral tem um entendimento dessa constituição de sujeito, podendo ser um “satisfator” que possibilite às pessoas satisfazer adequadamente as necessidades humanas. Nesta fala da Patrícia, mãe de Vico, evidencia-se essa satisfação das necessidades:

Melhorou o desempenho dele na escola, na leitura, no diálogo, obteve bastante resultado, tanto que eu coloquei o mano dele agora também. Tudo melhorou, ele passa adiante o que ele aprende no projeto, gosta do grafite e comenta o que faz. Eles ficam mais aqui do que comigo, então eu deposei toda minha confiança na escola, eles comentam as oficinas, cada dia tem uma novidade, tem uma roupa pintada, pra mim tá muito bom.

Reconheço certa positividade nas falas, pois raramente recebi uma impressão negativa sobre o projeto, talvez por ser o coordenador ou por trabalhar nessa escola. Isso incomoda como pesquisador, contudo as falas também revelam uma verdade dessas famílias: ter um lugar seguro para deixar seus filhos e estarem tranquilas para trabalhar.

Como apontado, as necessidades humanas fundamentais do sujeito manifestam-se em todas as culturas e em qualquer tempo histórico, e o que realmente muda são os “satisfatores”, que são as condições que permitem a necessidade humana ser satisfeita ou não.

Para complementar essa conceituação, trago o entendimento de qualidade de vida dito por Vitória, mãe de um dos alunos entrevistados, mas que representa e resume o que todos disseram:

Ter um trabalho bom, poder dar uma boa educação para os filhos, ter minha casa; eu sonhei tanto com ela. É tanta coisa: educação, ser educado na família e na escola, realizar sonhos, preservar a família é a base de tudo. Envolve tantas coisas: ter um lar, uma família, além de uma cama para dormir, uma boa alimentação; envolve conforto, respeito, educação, não só visando à materialidade, mas a qualidade de vida, além de cuidar da mente, o corpo e o espírito. Com certeza, tanto fisicamente, na saúde, a qualidade de vida do corpo, fazer exercícios, a mente, coisas boas que estão sendo ensinado, traz bastante benefícios. Trabalhando honestamente, cuidando a alimentação, cuidando dessas três áreas, corpo, mente e espírito, a gente vive tranquilo e em paz.

Aqui aparecem vários conceitos que enfatizam uma individualidade, mas também termos genéricos, que praticamente apareceram em todas as entrevistas, como trabalho, emprego, educação, família – essas questões, então, são construções culturais do senso comum. Houve uma referência ao corpo e ao espírito como importantes na qualidade de vida. O propósito da educação integral é trazer outras dimensões para serem descobertas pelos sujeitos, e entre os pesquisados já

se percebe que algumas falas se configuraram a partir do projeto, como refere o pai de Bruna:

Se não tivesse, o projeto as crianças ficam na rua e agora ficam na escola, aí fico tranquilo. Na escola a mente está trabalhando, não gostam da oficina de capoeira, porque na origem da capoeira traz um cunho religioso.

Tais depoimentos demonstram que o projeto por si já faz as famílias refletirem sobre situações e questões que envolvem as atividades. Retomando a positividade das falas em relação ao projeto, percebo que a escola é vista como lugar de passagem, a qual reafirma uma responsabilidade colocada na escola para dar conta das demandas de aprendizagem, de educação e de sucesso na vida. A escola é assim vista, porque a sociedade edifica tal instituição como o único lugar que legitima o saber, que dá a autoridade do saber a quem passe por ela. Aquele que não passa pela escola está socialmente menos reconhecido; mesmo que tenha algum saber, sem passar pela escola esse saber não é validado. Os que passam pela escola têm vantagens de reconhecimento (diante de si e da sociedade) e melhor qualidade de vida, pois estão mais próximos das condições que o ensino passa a oferecer, mesmo que não aconteça do melhor modo. Sabe-se que o Programa Mais Educação tem muito a oferecer, porém muitas vezes há pouca verba, os monitores são mal remunerados, a estrutura não é viável para certas escolas; enfim, tem algo bom, mas algo a melhorar.

O processo de educação integral pode revelar diferentes posições sobre a incidência na qualidade de vida, dependendo das condições em que é realizada a educação. Sendo assim, a pesquisa ajuda a visualizar que condições são apresentadas hoje pelos meios educativos, o processo de educar, especialmente no meio em que vivem os sujeitos pesquisados. Isso é constatado a partir do que estão dizendo os alunos Bruna, Vico e Pri:

O projeto é bom, dá pra fazer novas brincadeiras, aprender capoeira, hip hop, sair pra outros lugares; eu gosto, mas fui obrigada, às vezes é meio chato quando alguém me bate; é preferível estar no projeto do que ficar em casa sem ter o que fazer, comecei a falar mais, aprendi várias palavras que a gente não sabe, o que não tá bom e que a gente não tem recreio.

Percebe-se que em alguns momentos as falas são mais coletivas e em outros trazem a individualidade de cada envolvido. É essa individualidade que atribuo como um dos pontos que demonstram que as interações no projeto estão de alguma forma favorecendo descobertas em várias dimensões dos sujeitos.

Nesse contexto, ressalto que a educação integral, de acordo com os direitos humanos, reconhece a dignidade como valor inalienável. Conforme o Relatório Anual da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos (2007, p. 13), “é indispensável definir direito humano como aquele direito inerente à pessoa em si, independentemente da sua nacionalidade, da sua classe social, da sua religião, da sua condição pessoal”. É reconhecido o direito a uma educação de qualidade para o desenvolvimento pleno da pessoa. Na pesquisa, compreender de que forma os sujeitos, que são pessoas de direitos, aprendem e em que condições aprendem e como a aprendizagem incide na qualidade de vida vai nos ajudar a projetar políticas potencializadoras – aqui entendendo a aprendizagem como uma necessidade básica, a necessidade de entendimento.

Como diz a aluna Bianca:

Ter a nossa vida melhor é comer menos porcaria, tomar menos refrigerante, porque engorda e pode ficar doente, pode ter diabetes.

Fica expresso o entendimento como parte da qualidade de vida. Assim, quanto maior o entendimento, mais possibilidades de desenvolver potencialidades e exigir os direitos que muitas vezes são negligenciados.

Considerações finais

Tenho como fio condutor de minha prática pessoal e cotidiana trabalhar em prol das necessidades humanas, visando a contribuir para que as pessoas que atendo sejam mais felizes. A partir desse diálogo, reconheço a relevância de pesquisar sobre a realização humana e a qualidade de vida, um tema que tange o processo educativo em sua função. Trago uma reflexão de Maturana (2000, p. 10), ratificando que

[...] a tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa

confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e de fazer tudo o que é preciso como um ato responsável a partir de sua consciência social.

Nessa forma de entender o processo educativo e sua funcionalidade, revigoro os pressupostos da análise da pesquisa, que permeiam o desenvolvimento da pessoa na suas múltiplas dimensões. Portanto os conceitos abordados na pesquisa tiveram a função de compreender o processo educativo na educação integral e sua incidência sobre a qualidade de vida, apontando-a como um processo capaz de incidir sobre a questão de pesquisa. Isso se deu por meio do que foi colhido dos informantes, que trouxeram elementos necessários para indicar que, dependendo de como o processo educativo acontece, a educação integral pode potencializar o desenvolvimento da pessoa nas diversas dimensões, se ela focar na compreensão que o desenvolvimento do sujeito acontece na sua integralidade. Possibilita a satisfação das necessidades humanas e, conseqüentemente, a realização pessoal, incidindo na qualidade de vida e na felicidade humana. Contudo é possível que não influencie essas dimensões, se não forem favoráveis as condições em que é vivenciada a experiência educativa.

A pesquisa mostrou que essas possibilidades não acontecem somente no âmbito escolar, como refere Westphal (2000, p. 47):

A população deve participar de todo o processo, através de seus grupos organizados e da sociedade civil, pois é ela que vive e sente os problemas no seu cotidiano. Muitas vezes as soluções racionalmente decididas não são adequadas à realidade da comunidade. Se a discussão for aberta, as soluções serão mais reais e efetivas, e a sociedade, a protagonista da própria mudança.

Quanto mais possibilidades tiverem as pessoas de estar em lugares que permitam condições favoráveis ao seu desenvolvimento, mais possibilidades terão de satisfazer adequadamente suas necessidades humanas e, conseqüentemente, desfrutarão de qualidade de vida e realização pessoal. Isso foi apreendido a partir das falas dos informantes, como os alunos, que sempre deixavam bem explícito o contentamento de terem outras atividades na escola, além dos estudos do currículo escolar. As mães também trouxeram contribuições, ampliando o conceito de qualidade de vida, que difere do que eu tinha como padrão construído pelo longos anos de convivência no meio acadêmico.

Esta pesquisa serviu para constatar que a escola, enquanto não se der conta de que está a serviço da vida em todas as suas dimensões, na percepção colhida a partir da pesquisa, não dá conta de sua finalidade atual. As famílias pesquisadas

mostraram que ter qualidade de vida não depende só da escola, mas esta pode ajudar. E mesmo a educação integral, se não desfocar do parâmetro vigente (conteudista e formal, usando os mesmos métodos) de educação, pode contribuir pouco para a educação. Nas entrevistas e na observação no cotidiano escolar, ficou visível que a qualidade de vida e a realização das famílias pesquisadas se constrói a partir de vários elementos que vão se agregando no cotidiano, e que a escola tem apenas alguma participação neste processo.

Juntamente com estas questões, indico que o Mais Educação torna-se apenas um meio de atender parte das crianças, e o objetivo acaba não acontecendo de forma satisfatória, pois as condições em que o projeto acontece não possibilitam qualidade, devido ao pouco ressarcimento dos monitores, ao espaço físico na escola não contemplar adequadamente a demanda, à rotatividade dos monitores e à pouca adesão ao projeto por parte dos alunos. Ressalto que a proposta teórica do projeto é boa, porém este não vem respaldado na sua prática e execução, o que acaba desqualificando o trabalho, se a escola não conseguir administrar esses fatores.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Zygmunt Bauman e Tim May. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Vida em fragmentos**: sobre ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Cadernos Cenpec**, n. 2, 2006.

FREITAS, Jairo Dias de. **Por uma pedagogia dos satisfatores para a promoção da saúde**: dos espaços estruturais de Boaventura de Souza Santos às necessidades humanas de Max-Neef. Rio de Janeiro: s.n., 2010.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAX-NEEF, Manfred (org.). **Desarrollo a escala humana**: una opción para el futuro. Santiago: Cepaur, Fundación Dag Hammarskjöld, 1986.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 2, p. 19-31, 1998.

WESTPHAL, Márcia Faria. O movimento cidades/municípios saudáveis: um compromisso com a qualidade de vida. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 39-51, 2000.